

UM OLHAR SOBRE A SOCIABILIDADE MAÇÔNICA DA “UNIONE ITALIANI DI MUTUO SOCCORRO BENSO DI CAVOUR”

Rafael de Souza Bertante*

Introdução

Durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a cidade de Juiz de Fora¹ viveu um contexto de modernização e se constituiu como um dos principais núcleos urbano e industrial de Minas Gerais (PIRES, 2009, p. 20). Essas mudanças ocorreram junto ao desenvolvimento de diversas obras de infraestruturas e uma intensificação cada vez maior do comércio e da indústria local. Circunstâncias que funcionaram como atração para diversos imigrantes a Juiz de Fora, sobretudo, os de origem italiana que não se interessavam pela agricultura ou que já trazia consigo, alguma formação profissional (CHRISTO, 2000, p.136).

O movimento imigratório na cidade impulsionou a formação de várias associações filantrópicas e de ajuda mútua. A formação desses grupos foi um importante recurso para os estrangeiros, pois os auxiliavam em uma melhor forma de adaptar à nova realidade e também buscavam preencher lacunas deixadas pela ausência de políticas de previdências promovidas pelo Estado (VISCARDI, 1995, p. 99 e 100).

Entre a formação de diversas associações em Juiz de Fora, destacamos a fundação, no ano de 1902, de um grupo de italianos que

* Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Orientação do Prof. Dr. Marcos Olender.

¹ A cidade de Juiz de Fora está localizada na Zona da Mata de Mineira.

além de prezar pelas características étnicas, filantrópicas e ajuda mútua, se caracterizava por ser composto apenas por maçons. O grupo constituiu a loja maçônica *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour*.

O motivo que levou a pesquisa destacar esse grupo é que grande parte dos seus membros tiveram significativa importância para a cidade. O recorte temporal para este trabalho compreenderá a ocasião de criação da loja, até o ano de 1925, momento em que ela deixa de ter exclusividade italiana. Dessa forma, busca-se notar o quanto este meio pode ter influenciado ou não para que, alguns desses membros tivessem algum renome perante a cidade.

Juiz de Fora: a manchester mineira

Foi, sobretudo, durante a década de 1880 que Juiz de Fora se firmou como capitalista e passou a ser caracterizada como a “Manchester Mineira”. As consequências que provocaram tais mudanças na cidade e a destacou dentro de Minas Gerais estavam relacionadas com os investimentos em serviços públicos e atividades urbanas (PIERES, 2009 p.78-80). Investimentos que foram resultado de uma rápida expansão das lavouras de café pela Zona da Mata até o final do século XIX (OLIVEIRA, 1991, p.34), e a ligação do capital agrário aos setores mais próximos da modernização capitalista. A presença desse capital logo foi compreendida por empreendimentos como, estrada de ferro, bancos, energia elétrica, transportes urbanos e industrialização². (PIRES, 2009, p. 20-21).

A forma como a modernização decorreu em Juiz de Fora também era perceptível em outras cidades brasileiras, principalmente as que estavam ligadas à indústria ou ao café. Pois essas mudanças muitas vezes eram resultado da concentração de renda na região, da presença de rede ferroviária e a existência de mão de obra especializada. Juiz de Fora, contou com esses três quesitos, além de uma importante estrada de

² É importante ressaltar que a economia juizforana, neste contexto, era secundária se comparada a grandes regiões do país como Rio de Janeiro ou São Paulo, o que não exclui sua importância para a região e para a época em estudo (PIRES, 2009, p. 20-21).

rodagem – responsável por aproximar o interior de Minas à Capital Rio de Janeiro (CHRISTO, 2000, p. 143) – é possível destacar ainda a construção, no ano de 1889, da primeira Usina Hidroelétrica da América do Sul, concedida por Bernardo Mascarenhas (OLENDER, 2011. p. 55).

A chegada do imigrante

Do outro lado do Atlântico³, um forte movimento imigratório se desenvolveu por parte da Europa, durante o século XIX e início do século XX. Entre os motivos que levaram esses europeus se arriscarem a vida em outras terras estava, a impossibilidade de sustentar a si e à sua família, devido a um excedente da mão de obra no campo⁴ ou ainda, casos de perseguições étnico-religiosas, que se desenvolviam em meio a uma Europa de afirmação de Estados Nacionais. As possíveis saídas para muitas dessas pessoas seriam o êxodo rural ou a emigração para a América (FEREZINI, 2003 p. 74).

No Brasil a presença de imigrantes se intensificou durante a segunda metade do século XIX, quando o Governo Imperial promoveu a Política Imigratória, que entre seus objetivos pretendia trazer pequenos proprietários para a Região Sul e trazer mão de obra para os grandes fazendeiros (FEREZINI, 2003 p. 74).

Em Juiz de Fora, as medidas iniciais para receber imigrantes buscavam criar núcleos coloniais próximos ao “Caminho Novo”⁵ com o intuito de garantir mão de obra, ao mesmo tempo em que se ocupava e povoava regiões antes não exploradas. Mas o primeiro impacto

³ Invertendo o sentido apontado por Trento (1989) que escreveu seu livro pensando no território europeu e contando sobre os italianos em terras brasileiras. Aqui, pensando do Brasil, apontaremos alguns motivos que levaram os europeus a saírem de suas terras e desembarcarem na América.

⁴ O excedente da mão de obra na Europa pode ser explicado pelo aumento significativo na taxa de natalidade e o desenvolvimento da mecanização agrícola, que ocorreu em fins do século XVIII. (FEREZINI, 2003,p. 78).

⁵ A Estrada citada foi elaborada com o intuito de facilitar o acesso ao centro de Minas Gerais para comerciantes vindos da província do Rio de Janeiro, além de melhorar a vazão e a fiscalização do fluxo do ouro (MIRANDA, 1990, p.85).

significativo da imigração na região aconteceu durante a construção da Estrada União Indústria, em meados do século XIX, com a chegada de imigrantes da Alemanha. Essa via cumpria o objetivo de encurtar a viagem entre a Corte e a província de Minas Gerais para o escoamento do café (OLIVEIRA, 1991, p. 46 e 52). Miranda (1990) mostra que, nos anos de 1860, a colônia montada para esses imigrantes alemães chegou a abrigar 1114 pessoas, das quais 42% se dedicavam a atividades remuneradas, não relacionadas com a agricultura (MIRANDA, 1990, p. 68). Com o término das obras da estrada, a presença desses imigrantes qualificados teve importantes repercussões no que diz respeito à oferta de mão de obra para a economia local. Eles recebiam melhores salários e possuíam habilidades especializadas e logo tiveram condições e instrumentos para aproveitar as oportunidades geradas na economia local, de forma que muitos abriram firmas comerciais, oficinas e manufaturas que, com o próprio desenvolvimento da cidade, viriam a constituir ali importantes indústrias (MIRANDA, 1990, p. 68-69).

Mas, o movimento migratório se intensificou, sobretudo, no final do século XIX com a criação da Hospedaria Horto Barbosa⁶ e dessa vez marcado por uma vasta presença de imigrantes vindos da Itália. A hospedaria foi criada em 1888 e tinha como função, sediar e registrar um significativo número de europeus desembarcados no porto do Rio de Janeiro. Assim durante um curto período de tempo, esses imigrantes permaneciam em Juiz de Fora até que pudesse estabelecer contratos de trabalho no país. Após isso, os imigrantes saíam para trabalhos em lavouras de café, em indústrias ou em construções civis. Portanto, após os imigrantes serem registrados e firmarem contratos de trabalho, eles eram direcionados, para São Paulo, de volta ao Rio de Janeiro ou para o interior de Minas Gerais. A cidade a princípio, não necessitava tanto de mão de obra para as lavouras de café, pois encontrava-se em uma região escravista. Porém, ainda assim é possível perceber a permanência de alguns grupos de imigrantes na cidade (CHRISTO, 2000, p. 131).

⁶ Segundo Biondi, a Hospedaria Horto Barbosa foi durante muito tempo a principal hospedaria, com essas características, dentro de Minas Gerais. Hospedarias desse tipo existiam, também em outras cidades, como por exemplo, São Paulo (BIONDI, 2009, p.42).

Segundo estudos de Oliveira entre o período de 1896 a 1906, a Hospedaria Horto Barbosa, chegou a registrar 24.572 imigrantes. Desse total, 2.804 pessoas permaneceram em Juiz de Fora, se direcionando para trabalhos em zona rural e zona urbana. Vale ressaltar que o número mencionado não contabilizou todos os imigrantes que vieram para a cidade, pois muitos vinham para ficar com amigos ou familiares que já haviam se estabelecido no local. Os registros da Hospedaria mostram que 1551 pessoas, se fixaram em zona urbana e que desse total 88% permaneceram de forma espontânea, enquanto os outros 12% ficaram, pois haviam sido chamados para trabalhos. Uma possível explicação para tal permanência espontânea poderia estar embasada no nível de urbanização da cidade e as oportunidades de empregos oferecidas, principalmente para os que tinham uma qualificação profissional (OLIVEIRA, 1991, p. 109 a 111).

O associativismo entre os italianos

Algo que nos intriga é como esses imigrantes faziam para se estabelecer em uma terra de clima, cultura e idiomas tão diferentes dos seus. Somado a essas diversidades, a Itália, por exemplo, era um país recém-unificado e essas pessoas – que vinham para o Brasil em busca de melhores condições de vida – traziam consigo, costumes e dialetos próprios de sua terra, além das rivalidades existentes com outras regiões. Porém, apesar de todas essas das singularidades apontadas, ao desembarçar em terras brasileiras, esses estrangeiros eram rotulados, simplesmente como italianos. Portanto, quais recursos poderiam ser utilizados por essas pessoas para se adaptarem e estabilizarem no novo contexto? A procura por respostas a essa questões começaram a aparecer junto a leituras sobre a imigração italiana na cidade de Juiz de Fora⁷. Tais

⁷ O tema deste trabalho surgiu do estudo desenvolvido no Laboratório de Patrimônios Culturais (LAPA), cujo título é “A Contribuição da Imigração Italiana para a Produção Arquitetônica de Juiz de Fora”. Ao iniciar a pesquisa, entramos em contato com algumas leituras, que apresentavam a história de Juiz de Fora e contextualizavam a imigração italiana junto à urbanização da mesma. Dentre as leituras podemos destacar o livro “Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri”, de Olender (2011), o

leituras mostraram que muitos desses imigrantes buscavam se associar em grupos filantrópicos ou de ajuda mútua, em busca de uma estabilidade e uma melhor adaptação à nova realidade.

A prática associativa entre imigrantes italianos foi muito constante no Brasil, principalmente nos fins do século XIX – quando há um maior volume de pessoas – mostrando a necessidade de se reunirem em círculos com finalidades de mútuo socorro (TRENTO, 1989, p. 170). A prática do associativismo era uma resposta à ausência de um Estado promotor de políticas de previdências (VISCARDI, 1995, p. 99 e 107).

Mas as propostas dessas associações ultrapassavam a assistência aos menos favorecidos. Segundo Ianni o imigrante se via marcado por constantes sensações de deslocamento, de modo que não se via pertencente a nenhum dos dois países, pois sua terra natal havia ficado para trás e no novo país ele não conhecia ninguém (IANNI, 1992 apud FERREZINI, 2003, p.70). Assim, as associações também funcionavam como um meio de preservar a memória das origens dos imigrantes, ao mesmo tempo em que promoviam a integração e valorização do novo ambiente (FERREZINI, 2003, p.70).

Em Juiz de Fora, houve o predomínio de dois tipos de associações, as mútuas e as filantrópicas. As mútuas⁸ se caracterizavam por prestar socorro aos seus membros e tinham como sustento contribuições dos próprios integrantes. Enquanto as filantrópicas⁹, em sua maioria, eram religiosas ou criadas por setores sociais privilegiados e tinham como finalidade prestar socorro a quem necessitasse e a prática de ações de caridade (VISCARDI, 1995, p. 100).

texto “Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão” de Christo (2000) e a dissertação de Oliveira “Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)” (1991).

⁸ Viscardi aponta que o mutualismo também poderia ser uma estratégia para se atingir determinados fins genéricos, e que na verdade, pouco tinha de coletivos. (VISCARDI, 1995 p. 103).

⁹ Segundo estudos de Viscardi não se pode descartar a hipótese de que as associações filantrópicas estivessem preocupadas também com a construção e manutenção do poder local (VISCARDI, 1995, p. 105).

As associações italianas, tanto em Juiz de Fora, quanto no restante do país, geralmente duravam pouco tempo e contavam com um número de sócio relativamente pequeno. Apesar disso, foi significativa a quantidade de associações criadas. A proliferação das associações italianas pode ser justificada pelas rivalidades de ordem pessoais e regionais, devendo se atentar que essas diferenças vão além de um sentido preconceituoso, mas muitas vezes aconteciam pela própria dificuldade de compreensão linguística (TRENTO, 1989, p.161 e 162). Em Juiz de Fora, por exemplo, entre os anos de 1876 e 1920, há registro de dezesseis associações de caráter étnico, sendo que dez delas eram de origem italiana (VISCARDI, 1995, p. 108 a 110).

Entre os grupos filantrópicos, também se estabeleceu na cidade a Maçonaria. Esta instituição se diferenciava das demais devido sua rígida hierarquia e os rituais baseados no esoterismo (BARATA, 1999, p.36).

Segundo Barata, a

Maçonaria é uma instituição essencialmente filantrópica, filosófica e progressista, tem como objetivo a pesquisa da verdade; o estudo da moral universal, os das ciências e artes e o exercício da beneficência. Tem por princípios a liberdade absoluta de consciência e a solidariedade humana. Não exclui ninguém por suas crenças. Tem por divisa: Liberdade, Igualdade e Fraternidade (BARATA, 1999, p.41).

O caráter secreto que a Maçonaria proporciona, permitiu por diversas vezes a construção de um local para discussões políticas sem o controle e a vigência do estado, assim como criou um espaço de sociabilidade em que se fortalece as relações de amizade. Contudo, “apesar do clima de mistério, sabemos que *as maçonarias* não existem isoladas da sociedade e podem ser melhor compreendidas no conjunto do movimento associativo do qual fazem parte em cada época” (MOREL & SOUZA, 2008 p. 44, 88 e 132, grifo nosso).

Em Minas Gerais os núcleos com maior concentração Maçônica estavam nas regiões Sul e Zona da Mata, locais que se caracterizaram pela atividade cafeeira e desenvolvimento urbano. Castro explica que talvez o caráter urbano permitisse um maior interesse pela adoção de novas ideias, valores e modelos de sociabilidade (CASTRO, 2008, p. 18).

A loja Benso di Cavour

A *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour* surgiu em um momento que diversas associações se constituíam em Juiz de Fora, porém se caracterizou por ter como membros, apenas maçons italianos. A formação se deu a partir de vinte e cinco homens, antes pertencentes às lojas, Fidelidade Mineira e Caridade e Firmeza. A justificativa para a fundação da mesma era a dificuldade em entender o idioma local durante as reuniões e dificuldade de relacionamento. Dessa forma, sabemos que o idioma utilizado nas discussões e atas era o italiano, o que, também a tornava singular entre as demais lojas maçônicas da cidade¹⁰ (GABURRI, s/d).

O recorte temporal para a essa pesquisa busca focar o período de exclusividade do imigrante italiano dentro da loja. Por isso compreenderá o momento de sua criação, em 1902, até o ano de 1925, quando os descendentes de italianos e membros de outras nacionalidades também passam a compor o grupo (GABURRI, s/d). A partir da década de 1920 o número de imigrantes italianos chegados à cidade era menor, se comparado às décadas passadas (OLIVEIRA, 1991, p. 11), essa pode ser uma explicação para a aceitação de homens não nascidos na Itália em seu meio.

Entre os membros fundadores da *Benso di Cavour*, destacamos os nomes de Giuseppe Grippe, Luigi Perry, Tibério Ciampi, Umberto Gaburri, Pantaleone Arcuri, Salvatore Notaroberto e Giuseppe Spinelli (GABURRI, s/d). Homens, que de alguma forma estiveram envolvidos com o comércio e/ou com o crescimento urbano de Juiz de Fora (FILHO, 1979). A partir deste contexto e recorte temporal, buscaremos, então, analisar como se desenvolveu a sociabilidade entre esses homens, como formavam suas redes de amizade e notar se, a loja foi um canal para que esses imigrantes pudessem desenvolver seus negócios se destacando em

¹⁰ A formação de lojas maçônicas composta por imigrantes italianos no Brasil acontecia desde o ano de 1888, sendo a *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour* a única com essas características em Minas Gerais até meados de 1920 (TRENTO, 1989, p. 174).

ações que contribuíram para desenvolvimento urbano e industrial de Juiz de Fora.

Figura 1: Fundadores citados da Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour



Fonte: <<http://www.bensodicavour.org.br>>. Acesso em 28/04/12.

O caráter de auxílio filantrópico da Maçonaria forma um espaço de sociabilidade que fortalece relações sociais circunscritas não apenas em seu interior, mas também externo à ordem. Essa foi uma forma de expansão da civilização ocidental, ao mesmo tempo em que também foi uma forma de se criar redes de poder e laços de clientela. Desta maneira os maçons auxiliavam os que recebiam algo e fortaleciam o poder de quem os dava (MOREL & SOUZA, 2008, p. 48 e 88). Segundo Barata, a maneira como se faz a prática do auxílio mútuo e da filantropia dentro da Maçonaria – própria da cultura ilustrada – fazia com que ela fosse destituída de conteúdos relacionados à prática cristã, sendo vista de forma bem mais pragmática, objetivando também, ganhos financeiros e/ou facilidades nas atividades comerciais (BARATA, 2006, p.98).

As relações entre os membros da loja *Benso di Cavour* são notadas em alguns trabalhos como, no livro de Olender, onde percebemos negociações entre dois fundadores da loja e importantes figuras para o contexto juizforano. De um lado temos o calabrês Pantaleone Arcuri, que montou em Juiz de Fora a Companhia Pantaleone Arcuri. Uma grande firma que se destacou por vender materiais para obras, elaborar projetos modernos e executar construções. Devido à proximidade com a Companhia Mineira de Energia, a construtora ainda montou uma fábrica de ladrilhos hidráulicos e foi a pioneira na inserção e fabricação da “telha do futuro”, ou ardósia artificial no Brasil (OLENDER, 2011). A construtora foi responsável pela realização de diversos prédios na cidade, inclusive prédios públicos, como as Repartições Municipais, que constituem parte do patrimônio tombado de Juiz de Fora. Do outro lado temos Tiberio Ciampi. Grande comerciante na cidade, responsável por prestar manutenções em bicicletas “Haley” e pela venda de peças e acessórios para veículos. Além disso, vendia automóveis da “General Motors do Brasil” e era representante da “Moto Indian” e “Haley Davidson” (OLENDER, 2011, p 254 e 255).

Após um incêndio ter afetado os negócios de Tiberio Ciampi, ele e seus filhos resolveram construir um edifício em um terreno próprio. O prédio seria por anos, o primeiro e único “arranha-céu” de Juiz de Fora. A construção do mesmo aconteceu no início dos anos de 1930 pela Companhia Pantaleone Arcuri, para a família Ciampi. O projeto contou ainda com a ajuda da prefeitura, que isentou de impostos durante cinco anos, o proprietário do prédio, que seria o mais alto da cidade.

O edifício foi projetado por Raphael Arcuri, filho de Pantaleone Arcuri e responsável pela elaboração de diversos projetos da construtora. O prédio em estilo *art-nouveau*, contava com quatro andares e uma torre anexa. Sendo distribuído da seguinte forma, na frente do primeiro pavimento havia uma loja e nos fundos, funcionava uma oficina e a garagem; no segundo pavimento, ficava o escritório da empresa; no terceiro pavimento uma residência; e os demais pavimentos, suportavam cômodos que eram alugados para residências ou negócios comerciais. (OLENDER, 2011, p 252 a 255).

Figura 2: A esquerda o “Edifício Ciampi”



Fonte: <<http://www.mariadoresguardo.com.br>>. Acesso em 08/09/2014

A relação entre esses dois membros fundadores da *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour*, ilustra um pouco do que buscamos estudar sobre a sociabilidade desenvolvida entre esses vinte e cinco italianos e de como o meio o qual estavam inseridos poderia beneficia-los ou não para a execução de seus negócios e consequentemente obterem renome junto à sociedade, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento de Juiz de Fora. Castro mostra que a sociabilidade maçônica assumiu um papel importante para diversos setores da cidade, principalmente para aqueles que precisavam se afirmar numa sociedade em constante evolução e muitas vezes não possuíam um local para falar abertamente sobre questões políticas, religiosas e econômicas. Logo, as lojas se constituíam como espaço de socialização e passavam a fazer parte de uma vasta relação de trocas, que abarca desde o ponto de vista cultural até os privilégios oriundos da própria fraternidade maçônica (CASTRO, 2007, p. 238).

Portanto, o conceito de sociabilidade será de suma importância para o desenvolvimento desse trabalho. Segundo Sirinelli,

“a palavra sociabilidade reveste-se (...) de uma dupla acepção, ao mesmo tempo redes que estruturam e microclima que caracteriza

um microcosmo intelectual particular” ou seja, o espaço de sociabilidade é, ao mesmo tempo, “geográfico” e “afetivo”, pois ao estabelecer relações de adesão e/ou de rejeição, acaba por criar certa “sensibilidade ideológica”. (SIRINELLI, 1996 apud BARATA, 2006, p.23)

Então, tomando como base o conceito de sociabilidade, procuraremos entender o quanto, ou não, o meio maçônico possibilitou que seus membros tivessem uma inserção no espaço público e privado. Para tanto, os primeiros passos da pesquisa, para tentar entender como se deu a sociabilidade entre esses italianos serão voltados para as leituras de periódicos da época buscando notar o quanto esses nomes apareciam relacionados entre si perante feitos para a sociedade juizforana. E o quanto à ligação entre os membros do grupo possibilitaram o desenvolvimento de seus próprios negócios, dentro da cidade.

Considerações finais

Este trabalho faz parte de um projeto de mestrado que começa a dar seus primeiros passos. E já de início, se depara com alguns desafios, como, por exemplo, as poucas referências a respeito da loja *Unione Italian di Mutuo Socorro Benso di Cavour*. Mas é justamente esse o motivo que nos impulsionou a tentar trabalhar, ampliar e resgatar um pouco dessa passagem do imigrante italiano na cidade de Juiz de Fora. Ao longo das leituras realizadas para pesquisa, encontramos trabalhos¹¹ que citam a existência da loja ou mostram relações existentes entre membros da mesma. Porém muito pouco se sabe sobre sua história.

¹¹ CASTRO. *A Cruz e o Compasso: O conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no contexto da Reforma Católica Ultramontana em Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UFJF, Juiz de Fora, 2008.; CHRISTO. *Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão*. In: BORGES (org.) *Solidariedades e Conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000. FERREZINI. *A “Questão São Roque”*: Devoção e Conflito, Imigrantes italianos e Igreja Católica em Juiz de Fora (1902-1920). Dissertação (Mestrado em História). UFRJ, Rio de Janeiro, 2003. OLENDER. *Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

O intuito da pesquisa, portanto, será analisar a constituição e a sociabilidade desenvolvida dentro desse grupo, na tentativa de mostrar o legado que esses italianos deixaram à cidade de Juiz de Fora. O trabalho pretende, também, dar contribuições à historiografia local, tratando do associativismo e da imigração italiana, além de mostrar as singularidades dessa loja dentro da cidade e mesmo dentro do estado de Minas Gerais, durante as duas primeiras décadas do século passado. Por fim, espera-se que a pesquisa possa contribuir para a ampliação dos estudos sobre a imigração italiana no país, pois notamos que grande parte dos trabalhos a respeito deste tema estão concentrados no estado de São Paulo e na região Sul do Brasil.

Referências

BARATA, Alexandre Mansur. *Luzes e Sombras: A Ação da Maçonaria Brasileira*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. *Maçonaria, Sociabilidade Ilustrada & Independência do Brasil (1790 – 1822)*. Juiz de Fora: Ed. UFJF; São Paulo: Annablume, 2006.

BIONDI, Luigi. Associativismo e militância política dos italianos em Minas Gerais na Primeira República: um olhar comparativo. In: *Revista Lócus*, Juiz de Fora, v 15, n. 1, 2009.

CASTRO, Giane de Souza. *A Cruz e o Compasso: O conflito entre Igreja Católica e Maçonaria no contexto da Reforma Católica Ultramontana em Juiz de Fora*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). UFJF, Juiz de Fora, 2008.

_____. No compasso da Sociabilidade: a utilização do conceito de sociabilidade em um estudo sobre a maçonaria. In: BARBOSA, S. M.; BARATA, A. M.; CANO, J. *Anais do I Seminário Dimensões da Política na História: Estado, Nação, Império*. PPGHis UFJF: Juiz de Fora, 2007.

CHRISTO, Maraliz de Castro. Italianos: Trabalho, enriquecimento e exclusão. In: BORGES, Célia Maria (org.) *Solidariedades e Conflitos: histórias de vida e trajetórias de grupos em Juiz de Fora*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2000.

FEREZINI, Valéria Leão. A “*Questão São Roque*”: Devoção e Conflito, Imigrantes italianos e Igreja Católica em Juiz de Fora (1902-1920). Dissertação (Mestrado em Historia). UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

FILHO, J. Procópio. *Salvo Erros ou Omissão: gente juiz-forana*. Juiz de Fora: 1979.

GABURRI, José, A. D. *História da Loja Maçônica Benso di Cavour*. Disponível em <<http://www.bensodicavour.org.br>>. Acesso em 28/04/12.

MIRANDA, Sônia Regina. *Cidade, Capital e Poder: Políticas Públicas e Questão Urbana na Velha Manchester Mineira*. Dissertação (Mestrado em História). UFF, Niterói, 1990.

MOREL, M. & SOUZA, F. J. O. *O poder da Maçonaria: A História de uma Sociedade Secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

OLENDER, Marcos. *Ornamento, ponto e nó: da urdidura pantaleônica às tramas arquitetônicas de Raphael Arcuri*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro – *Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)*. Dissertação (Mestrado em História) Niterói, UFF, 1991.

PIRES, Anderson. *Café, Finanças e Indústria: Juiz de Fora 1889-1930*. Juiz de Fora: FUNALFA, 2009.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Georg Simmel: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Mutualismo e Filantropia. In: *Revista Locus*, Juiz de Fora, v 1, n. 1, 1995.